



Hyde Park.

Este formoso passeio de Londres, celebre já pelo seu opulento arvoredado, tornou-se agora ainda mais celebre pelos acontecimentos políticos que n'elle se realisaram. Não esqueceram, de certo, os leitores a noticia dos tumultos na Inglaterra, dos *meetings* dispersos pela policia, e, se tiverem boa memoria e se a perscrutarem bem, hão de achar o nome de Hyde-Park involto com a reminiscencia d'estes successos.

Effectivamente os *meetings* do povo de Londres fizeram-se n'esse recinto, e ahi os foi dispersar a policia, naturalmente porque ao ministerio não convinha que os seus administrados discutissem em massa a reforma eleitoral, questão momentosa para os governos, sempre mais ou menos conservadores, da Grã-Bretanha. O pretexto adoptado foi outro, comtudo. Allegou-se a lei que prohibe as reuniões populares em sitios que sejam propriedade da corôa. Ora Hyde Park é, na verdade, propriedade regia. Já veem que o pretexto era plausivel n'um paiz, como a Inglaterra, onde se respeita escrupulosamente a letra da lei, muitas vezes com prejuizo do espirito d'ellas.

Hyde Park era antigamente uma terra de caça. Quando Carlos I foi decapitado, e que em seguida se procedeu á venda dos bens da corôa, Hyde Park foi exceptuado, e reservado para ser vendido em particular. Compraram-n'o tres burguezes pelo preço de dezeseite mil libras. Os novos proprietarios construíram casas n'um dos pontos do seu terreno, que se chama agora Hyde-Park-Corner. No mesmo sitio se erigiu, por ordem de Olivier Cromwell, um forte, e outro no sitio a que se deu o nome de monte de Olivier, em honra do protector.

Quando Carlos II subiu ao throno, resgatou a propriedade, erigiu-a em coutada e deu as honras e emolumentos de couteiro d'ella a seu irmão o duque de Gloucester. Depois da sua morte passou o cargo para sir James Hamilton, cujo nome se conserva em Hamilton-Place.

Depois da revolução de 1688 deu-se ao povo livre entrada no parque. Pouco a pouco foi-se transformando em passeio publico, e assim estava hoje sendo considerado; mas a corôa não abdicará os seus direitos; Hyde Park tinha por conseguinte as immunidades de dominio real, e o governo, dispersando o *meeting*, procedeu segundo a mais estricta legalidade.

DERROTA DE VALDEZ NA TERCEIRA

(Conclusão)

Nos conselhos convocados com frequencia ouviu D. Filippe o parecer dos capitães mais illustres, e o voto de ministros prudentes. Concordearam todos, em que a estação não consentia facções de guerra importantes, e em que um revez arriscado por temeridade na Terceira podia estimular no reino os brios dos descontentes. Accedeu sem hesitar. Mas encerradas as côrtes de Thomar, e aplacado o maior tumulto dos negocios, voltou logo os cuidados para a pacificação da Terceira, que a Graciosa, o Fayal, o Pico, e S. Jorge, chamadas as ilhas de baixo, tinham seguido, com os satellites, na resistencia. Os arbitrios, que seguiu, foram opportunos. Escolhendo Ambrosio de Aguiar, e encarregando-o na qualidade de

governador da generosa missão de aliançar aos erros e demastias o mais amplo perdão, esperava atrair a vontade dos moradores da ilha, aos quaes largas promessas de mercês e privilegios deviam acabar de resolver. Jorge de Covos partiu no mesmo gallião, despachado corregedor, e por singular acção o navio, que levava o emissario de Filippe II, encontrou-se nas águas de Portugal com o pequeno barcel, em que D. Antonio se evadia ás vinganças de seu poderoso competidor. 1

Ambrosio de Aguiar não foi bem succedido. Apenas fundou, e correu a noticia de sua chegada e dos motivos della, a plebe alvoroçada, dictando leis aos magistrados, saiu em assuada pelas ruas, urrando lapidar os que accitassem outro rei, que não fosse D. Antonio. Tornou-se o arruido tão estrepitoso, que o governador nomeado por D. Filippe, tomou immediatamente o rumo de S. Miguel, aonde os amigos de Castella o receberam com aplauso. 2

Mas as cartas do rei catholico e dos fidalgos de Lisboa aos parentes e pessoas conspicias da Terceira reanimaram os partidarios da Hespanha. Consultando em publico os desatinos do povo, e reputando mais do que loucura a ousadia da ilha se expor ao todo o poder de Filippe II, principiam estes a inquietar o governo. João de Beltrami, homem edoso, de boa familia, porém assemblado de juizo e pupilo dos Jesuitas, tramou uma conspiração leviana. Sem a menor certeza de auxilio, a cavallo, de lanca em punho, atravessou as praças a hora do meio dia, amotinando a cidade, e acclamando o rei catholico. Ninguem o adivinhou, e a multidão enfurecida desarmou-o e prendeu o Cypriano de Figueiredo. Viu-se coegido então a proceder com severidade, abrindo devassas, e prendendo na cadeia os mais culpados. Os odios de população accusavam particularmente os padres de companhia, suspeitos de correspondencias e de tráfego secreto com o bispo dos Açores, refugiado em S. Miguel. As outras ordens religiosas, transportando tambem para a arena politica as contendas me nascentes, não concorriam pouco por sua parte para exacerbar as paixões. O deploravel espectáculo do escandaloso, com que muitos frades tinham aviltado no meio dos claustros e pulpitos, repelia-se agora na ilha, os conventos trocavam a vida penitente e contemplativa pelas agitações do seculo, sobressahindo os franciscanos no affecto a D. Antonio, e os Jesuitas na dedicação a D. Filippe. O que a verdadeira piedade padecera com estas profanações não foi de certo a menor desgraça de epocha tão tortu em adversidades e descalos, nem o mais leve amodo para Figueiredo, que as vozes e desatinos da plebe muitas vezes distrairam da inspecção activa das obras de deteza, traçadas para repellir o proximo assulto das forças hespanholas. 3

1. Relação dos successos e acontecimentos na ilha Terceira, desde 1581, até ao anno de 1585, e a elle se referem os annos 1581, 1582, 1583, 1584, e 1585.

2. Relação dos successos e acontecimentos na ilha Terceira, desde 1581, até ao anno de 1585, e a elle se referem os annos 1581, 1582, 1583, 1584, e 1585.

3. Relação dos successos e acontecimentos na ilha Terceira, desde 1581, até ao anno de 1585, e a elle se referem os annos 1581, 1582, 1583, 1584, e 1585.

O rei catholico não intentára ja a occupação da ilha, segundo notamos, porque a occasião o não aconselhava; mas a tenacidade dos habitantes podia expor as naus das indias a um desastre irremediavel. Se Drake e Hawkins por felicidade delle não estivessem retidos pelas ordens de Isabel, ou se Henrique de Valois fosse menos timido, a Terceira, guarnecida de bons soldados, zombaria dos esforços empregados para a conquistar, e a frota do Peru, presa das velas inimigas, recompensaria os audaciosos aventureiros, contractados por D. Antonio, proporcionando ao pretensor avultados capitaes para acommetter depois a Mina, a Madeira e até as costas de Portugal. Neste aperto, convocado o conselho de novo em Lisboa, optou unanime por um golpe forte e decisivo, que soffocasse a rebelião no berço. Faltava quasi tudo, porém, ainda para o descarregar opportunamente. O marquez de Santa Cruz não quiz ser o ultimo a confessal-o. Apellou-se então para o alvitre, ja provado com vantagem das peitas e subornos, mas não existia na Terceira pessoa apta para representar o papel de D. Christovão de Moura, e os fidalgos, que anhuiram a desempenhal-o, tiveram de se arrepender, salvando não sem custo a vida das iras da gentilha. Apesar de positivo assim mesmo este ainda desengano não dissuadiu Filippe II de insistir. Queria convencer os contrarios da sua moderação. A necessidade, e não a indole, compelia-o. O alvara de 16 de abril de 1581, assegurando esquecimento e perdão aos habitantes da Terceira, que se entregassem, comprehendia a Graciosa, o Fayal, S. Jorge, e o Pico na mesma amnistia. Acompanhando deste acto de clemencia a partida de D. Pedro Valdez para os Açores com alguns navios, enviados para assegurar o regresso da armada das indias orientaes ao porto de Lisboa, contava el-rei confirmar as boas disposições dos moradores fieis a sua causa, e captar a amizade de muitos outros. As instrucções passadas a Valdez prohibiam-lhe qualquer acto de hostilidade, em quanto D. Lopo de Figueiroa não se lhe reunisse com o grosso da esquadra. Os navios de Castella avistaram a ilha por meados de Julho. A pequena frota compunha-se de oito velas grandes e de duas caravelhas. 4

Alvoroçou-se a terra. A armada aproximou-se, e, em quanto atravessada defronte do porto disparava a arcazeria, sem ancorar, os seus escaleres davam caça aos barcos de pesca. Pouco depois uma catraia trouxe as cartas de D. Filippe, e a intimação de Valdez aos habitantes, convidando-os a render-se para não supportarem as calamidades da guerra. Os moradores desprezaram a ameaça, e certos de que os navios eram poucos, e os soldados ainda menos, descuidaram-se na vigilancia. Os hespanhoes, desembarcavam de noite, e avestilhando-se das trincheiras levantadas por Cypriano de Figueiredo, fallavam para dentro com os defensores da ilha. Esta negligencia despertou

4. Archivo Nacional de Torre de Tombo, Liv. 1 das Leis, fol. 107 v. e 108 r. ultima que Valdez trouxe e naus grossas sendo todas as velas grandes e as velas pequenas de Castella. Filippe II e outro muitos outros e numero das velas e St.

no animo impetuoso do sobrinho de Valdez a ideia de tentar um rasgo de ousadia, que, venturoso, tornasse o seu nome e o do tio assignalados. D. Pedro e os outros capitães cederam; a emulação prevaleceu sobre a obediencia; e demasiado confiados na fortuna, vespóra do dia de Santiago, acercaram-se da villa de S. Sebastião e fundearam. Souo logo o rebate, acudio gente, e correu a noute entretida com fogueiras e vigias. Figueredo juntara a ordenança de pé e de cavallo, e avisado com rapidez por correios montados, achava-se prestes a acudir com rapidez aos pontos atacados. Valdez não contava mais de seiscentos homens, capitaneados por seu sobrinho, D. Diogo, e por D. Luiz de Baçan. A costa era descuberta e o mar estava manso. Sobre as quatro horas da madrugada os postos mais distantes da ilha ouviram os repiques da atalaya no sino da igreja de Santo Antonio. Souo logo o estrondo das salvas de mosquetaria, disparadas contra os bateis dos castelhanos e respondidas por elles. Quando chegaram os habitantes já os castelhanos tinham na praia duzentos soldados no sitio denominado — Casa da Salga — entre a cidade de Angra e a Villa da Praia. Os que resistiam seriam pouco mais de cincoenta, e aturavam com grande trabalho a frequencia dos pelouros. Os escaleres inimigos forçavam a remos afim de lançarem segundo golpe de gente. (5)

A melicia de S. Sebastião, apesar da brevidade do caminho, não chegou tão depressa que não encontrasse já quatrocentos homens formados com seus capitães, e que não devisasse os escaleres voltando das naus, carregados de feixes de piques, com o resto das companhias. Travou-se renhida escaramuça. O valor dos hespanhoes não desmentiu a arrogancia do feito; os moradores combateram com igual esforço. As nove horas da manhã dous a tres mil homens, vindos de Angra, da villa da Praia, e dos casaes e povoações da Serra, cubriam os montes, e baixavam a investir os castelhanos mal amparados com parapeitos de pedra solta, erguidos no meio do fogo. A lucta prolongava-se, mas de longe sómente. A destreza dos veteranos de Valdez tornaria perigoso um recontro regular. As caravelas da armada, bordejando favorecidas pelo norte, varriam a costa com a artilheria, e ao fumo e fragor do combate juntavam-se as labaredas das medas de palha incendiadas nas çiras. Intentaram por vezes os hespanhoes arrancar na ponta dos piques os bandos avulsos, que se tinham vangloriado na vespóra de enxotar como rebanhos sem pastor. Baldou-se-lhes, porém, o empenho. A desesperação fazia soldados até dos pusilânicos. As mulheres, junto dos paes, dos maridos, e dos filhos levantavam os feridos, soccorriam de munições os combatentes, e algumas vingavam mesmo com as armas na mão o sangue vertido deante d'ellas. Ao meio dia as esperanças de Valdez estavam inteiramente desvanecidas. O fervor intre-

pido dos habitantes decidia-o a recolher-se ás naus com o presentimento de um grande revez. (6)

Este pouco se demorou. Creavam-se na ilha grandes manadas de bois e algumas pastavam perto. Um frade Cruzio lembrou quasi o ardil de Aníbal. Os pastores aguilhoaram as rezes mais bravas, e enfurecendo-as, arremessaram-as contra o arraial castelhano, precipitando-se a gente atraz. Foi tal o impeto dos animaes e dos homens, que, envolto e entrado o campo por todas as partes, os que vinham na retaguarda já não acharam inimigos. As fileiras hespanholas rotas juncaram de cadaveres e embeberam de sangue a terra. A retirada para a beira-mar converteu-se em fuga desordenada. As ondas e os tiros não deixavam abicar os bateis. Valdez, como assombrado de raio, assistia do convez da nau ao immenso desastre sem animo de acudir com suas ordens. Os canhões dos navios calaram-se, quando deviam trovejar, e do meio das vagas erguiam as mãos os afflictos, implorando piedade nos seus e misericordia nos vencedores. Uns atirando-se ás aguas, e afundados com o pezo das armas, afogavam-se já proximos dos escaleres; outros, arrastados semi-mortos no rollo do mar, vinham expirar na praia reialhados de golpes. Não se via senão luzir ferros de lanças e de piques, ou chispar lume dos mosquetes e arcabuzes.

Bandeiras, insignias, caixas, e armas, tudo caiu nas mãos dos portuguezes. Dos soldados da expedição voltaram apenas cincoenta a bordo esvaídos de sangue e cortados de terror. Diogo Valdez, D. Luis de Boçan, os alferes das companhias, e os veteranos mais valerosos pagaram a temeridade com a vida. Ferozes na victoria, os habitantes não perdoavam aos inimigos metendo-se pelo mar até aos peitos para os ferir. Cypriano de Figueredo e alguns capitães galopavam pelo campo, pedindo quartel para elles, mas em vão. Deshonrando o triumpho os ilheos decepavam as cabeças e as mãos dos mortos para arvorarem estes horriveis trophes nas pontas dos ferros. (7)

REBELLO DA SILVA.

O MUNDO DO MAR

Encontram-se a miude no mar — e a primeira navegação de Christovam Colombo offerece-nos um exemplo celebre — ilhas herbaceas de uma extensão immensa, fluctuando á superficie, e algumas vezes arrastadas pelas correntes a distancias prodigiosas. Estas ilhas, das quaes os Açores apresentam um banco extraordinario chamado *Mar dos sargaços*, são formadas de *fucaças*. Para os primeiros navegadores, eram as columnas de Hercules do Oceano; marcavam os limites das aguas navegaveis. Alem dos sargaços e dos fucos, as alfaces do mar, com a sua delgada e larga folhagem, apresentam muitas vezes os mesmos oasis:

(6) *Ibidem*.

(5) *Relação das cousas, que aconteceram na ilha Terceira, etc.* cap. XVIII e XIX. *Lettres contenant les Relations de tout ce qui s'est passé aux isles, etc.* p. 8 a 25. Herrera. Lib. IV. Conestagio. Liv. VIII.

(7) *Relação das cousas que aconteceram na ilha Terceira, cap. XVIII, XIX e XX. Lettres contenant les relations de tout ce qui s'est passé aux isles Terceires.* p. 13 a 29. Herrera. *Cinco Libro de la historia de Portugal.* Lib. IV. Conestagio. *Uniao de Portugal.* Liv. VIII.

as algas estendem á superficie das aguas os seus filamentos tortuosos e agglomerados. Mas estes prados fluctuantes, uniformes e estereis, encobrem no fundo do Oceano ricos taboleiros de plantas; moutas onde o peixe, verdadeira ave dos mares, edifica o seu humido ninho; bosquetes e jardins onde folgam os habitantes do reino aquatico; bosques, florestas em cujos recessos se esconde, dos seus grandes perseguidores, a presa timida e silenciosa.

Um facto digno de reparo, é que, como a vegetação terrestre, as plantas marinhas prendem-se, quanto á sua distribuição, a preciosos limites geographicos. (Schleiden.) Considerando-se que estare partição está ligada em grande parte a condições diferentes de calor e humidade, que o mar é pouco susceptivel de sentir estas differenças de temperatura, visto que a uma profundidade relativamente pouco consideravel possui debaixo de todas as latitudes o mesmo gráo de calor, não pôde deixar de admirar-nos, com razão, o encontrar na flora sub-marina tantas variações, mesmo em regiões visinhas ou situadas a pouca distancia umas das outras. Comtudo, pôde dizer-se que as algas desenvolvem toda a sua riqueza na zona temperada e diminuem gradualmente tanto para os polos como para o equador.

Mas, do fundo dos mares, quanto mais proximo do equador, mais luxuriante é a vegetação. «Deixemos, diz Schleiden, as florestas aquaticas dos mares do Norte e as suas plantas gigantescas entre as quaes algumas attingem o comprimento de 500 a 1500 pés; lancemos um olhar fugitivo pelas baleias que n'elles se abrigam, pelos bandos de lixas, pelas myriadas de arenques, bacalhaus, salmões e atuns; voltemo-nos para as regiões onde o sol é mais ardente, para ver se nos mares antarticos encontraremos no fundo do Oceano a mesma profusão que ostenta a flora aeria; mergulhemos no crystal limpido do mar das Indias, e logo se nos apresentará á vista o espectáculo mais encantador e maravilhoso: multidão de arbustos de ramagem singular produzem flores vivas; massas compactas de meandrinhas e astréas formam um estranho contraste com os órgãos palmados ou em fórma de copos que ostentam as explanarias e as tortuosas madreporas com seus grossos ramos articulados ou digitiformes. O colorido está acima de toda a descripção; o verde mais brilhante alterna com o alvadio ou o amarello; as cores de purpura confundem-se com o vermelho, o alvadio desvanecido e o azul escuro. Mulliporas de um vermelho desmaiado, amarellas ou de côr de flor de pecegueiro, cobrem as massas, e estão entremeiadas e semeadas de graciosas reliporas côr de perola e imitando as mais admiraveis esculpturas de marfim. A areia do fundo está coberta de milhares de ouriços e de estrellas do mar de formas estranhas e das mais variadas cores. Em torno das flores dos coraes folgam e volteam os colibris do mar, peixinhos de reflexos encarnados, ou azues, ou de um verde dourado ou prateado; semelhantes aos espiritos

do abysmo, as medusas agitam brandamente as suas campanas azuladas atravez deste mundo encantado. Aqui as isabeis scintillantes, de côr de violeta ou de um verde dourado; além a tunaide rojando-se como uma serpente e assemelhando-se a uma fita prateada que reflecte cores rosadas ou azuladas. Veem depois os cephalopodes fabulosos affectando todas as cores do arco-iris, as quaes desaparecem e apparecem alternativamente, confundindo-se da maneira mais fantastica. E todos estes animaes succedem-se com a maior rapidez, formando os mais admiraveis contrastes de sombra e de luz. O menor sopro que agite a superficie da agua faz desaparecer tudo como por encanto.

Se agora o sol dirige o seu carro para o occidente e que as sombras da noite descem aos abysmos, este jardim fantastico recomeça a brilhar com um novo esplendor. Milhões de chispas de medusas e de crustaceos microscopicos dansam na obscuridade como outros tantos vermes reluzentes. Mais longe vê-se a magnifica pluma do mar, encarnada durante o dia, balancear os seus clarões esverdeados; por toda a parte não se veem senão chispas luminosas, raios de fogo brilhantemente coloridos; o que durante o dia se apaga no esplendor geral brilha agora com um esplendor gravado de todas as cores do arco-iris; e para completar as mil e uma maravilhas desta illuminação magica, accrescentemos que os porcos marinhos, formando discos prateados de perto de seis pés de diametro, nadam magestosamente no meio de myriadas de estrellas rutilantes. Terminemos com esta passagem. O viajante solitario que acaba de estudar as maravilhosas costas de Ceylão volta á sua morada. De repente, no meio da tranquillidade de uma noite serena, alumiada pelo clarão argentino da lua, uma agradável musica semelhante á das harpas de Éolo, fere-lhe os ouvidos. Estes sons melancolicos, bastante fortes para cobrir o ruido das vagas, veem da plaga proxima e recordam o canto das sereias: são mariscos cantadores que fazem ouvir da praia uma doce e triste melodia.» (Schleiden, *a Planta*.)

Ajuntemos a este quadro o do conjuncto do mundo vegetal pelagiano, onde se não encontram nem folhas, nem calices, nem corollas, e o d'estes animaes estrellados que parece substituirem o lugar das flores neste estranho elemento «onde o reino animal floresce, e o reino vegetal não floresce»; accrescentemos-lhe ainda a formação dos coraes, dos zoophytos, e das suas ilhas circulares; e, fazendo abstracção do tempo, consideremos a perpetua mutabilidade do fundo dos mares, que, alternativamente, invadem e descobrem as regiões continentaes, e formaremos uma ideia approximada do poder, da importancia e da riqueza deste elemento, que a poesia expressiva dos Orientaes saudára como a origem primeira e eterna de todas as cousas.

Mas vale la honra que todo el dinero.

LOPE DA VEGA.



Uma scena da escravatura.

SCENA D'ESCRAVATURA

Esperamos que sejam d'aqui a pouco obsoletas scenas como a nossa gravura representa. Depois da formidavel lucta, que se travou na America do Norte, entre os defensores e os adversarios d'esta iniquidade social, lucta em que triumpharam os sãos principios, não é provavel que haja retrocesso, e que a escravatura, ainda que não seja de todo abolida, continue a ser causa de scenas tão barbaras, como essa, a proposito da qual estamos escrevendo estas linhas.

A exploração do homem pelo seu semelhante é uma das cousas mais repugnantes que só a barbaria tem, e é indigno de povos civilizados descerem ao nivel dos selvagens pretos dos sertões da Africa, que se vendem a si e aos seus por um barril de aguardente.

Este facto, que a barbaria explica, é um dos que são apresentados pelos defensores da escravatura como prova de que os negros não apreciam a liberdade. Mas quando nas praias inhospitas da Africa um capitão europeu, e um chefe de negros estão fazendo um contrato de venda de carne humana, desejo que os vendedores me digam de que lado está o barbaro, e de que lado está o homem que preza a sua dignidade.

Mas os escravos são indispensaveis nas colonias, os brancos não podem trabalhar n'esses climas ardentés. Em primeiro lugar isso está longe de ser demonstrado. «Este principio que passa por axiomático, diz Emile Carrey no seu formoso livro *Huit jours sous l'Equateur*, foi inventado pela indolencia dos credules que o fez aceitar á Europa. Declaro que vi brancos habituados ao clima trabalharem optimamente debaixo de um sol abraçador.

Mas ainda que estivesse demonstrada a idéa da utilidade não arrasta consigo a idéa da legalidade. «*Perissent les colonies plutot qu'un principe*» dizia um dia um deputado francez na assemblea nacional. Será este dito uma utopia, mas é uma utopia sublime e generosa, que abraçamos com fervor, e que esperamos ver em breve realisada, sem que morram nem as colonias, nem o principio.

OS PESCADORES E O URSO

Conto groenlandez (1)

Tres irmãos, dos quaes o primogenito se chamava Sitdliarnat, haviam estabelecido juntos o seu quartel d'inverno; a estação foi rigorosissima e todo o mar congelou, de sorte que não poderam sair no seu *kajak*. (2) Quando viram o gelo em estado de se poder por elle transitar sem perigo, correram a tratar da vida; mas não podiam pescar senão mui longe, no mar largo, em um sitio onde havia uma abertura praticada no gelo.

Um dia, que o tempo estava bom, os tres irmãos juntaram-se a um homem, que não era da sua familia, e partiram todos quatro para aquelle

sitio. Emquanto pescavam, Sitdliarnat observou o tempo e notou que o vento impellia para o mar a neve das montanhas.

— Vamos ser assaltados pelo vento do sudoeste, disse elle aos seus companheiros; deixemos a pesca e partamos o mais depressa possivel para a nossa choupana.

Immediatamente largaram todos a correr para a costa; mas a tempestade caminhava mais rapida do que elles, e quando estavam proximos da terra, o gelo tinha-se quebrado e começava a fluctuar. Os infelizes caminhavam ao longo da costa, sem acharem ponto algum aonde podessem tomar terra.

O mais velho avistou um enorme pedaço de gelo boiando; diligenciaram approximar-se d'elle, e, enfim, conseguiram saltar-lhe para cima. Tudo em torno d'elles era mar.

Navegaram assim muito tempo; mas, não tardou a chegada da fome. Alimentaram-se primeiro de alguns peixes, que o mais novo dos tres irmãos, felizmente, levava. Depois, quando a fome os apertava, o mais velho, que se tornara o depositario das provisões, tomava um peixe, cortava um pedaço, que comia, e entregava o restante ao irmão mais novo; este cortava outro pedaço para si e dividia o resto entre o estranho e o outro seu irmão. Fizeram tambem uma cova no gelo, de modo que lhes servia de abrigo durante a noite.

Uma manhã, ao acordar, Sitdliarnat, depois de ter observado por muito tempo o horisonte, descobriu um ponto negro; depois outro que dominava o primeiro. Chamou immediatamente os companheiros, e disse:

— Amigos! não ficaremos sempre no mar; ha ali o quer que é...

Era a costa, da qual elles se approximavam a pouco e pouco; todas as provisões estavam comidas. Seguiram, durante algum tempo, ao longo da praia sem poderem abordar; finalmente, chegaram a um sitio accessivel.

— Serei eu o primeiro a saltar em terra, disse o mais velho, e vós seguireis os meus passos.

Logo que se acharam em lugar seguro, disseram-lhes:

— Olhae para traz.

O pedaço de gelo tinha-se submergido, e em seu lugar apenas se via um grande lençol de escuma. Treparam pela encosta escarpada do rochedo, e, chegados ao cume, dirigiram-se para o sul, esperando encontrar alguns homens compadecidos. Effectivamente, descobriram, em uma pequena lingua de terra, uma casinha isolada e junto da qual não se viam habitantes. Estavam completamente exhaustos de forças; Sitdliarnat disse:

— Vamos para diante.

Os outros seguiram-n'o.

Na casa apenas havia um velho e sua mulher; os estrangeiros assentaram-se sem dar uma palavra, limitando-se a observar o ancião. Este perguntou-lhes d'onde vinham. Quando soube das

(1) Tirado do Groenlandske Folkesagn, ou Kaladlit Okalluktuaalliait, t. IV, pag. 109-123. Gadthaab, 1863, in-8.

(2) Barco forrado e coberto inteiramente de pelle de phoca.

suas aventuras, voltou-se para sua mulher e disse:

— Quem viaja tem sempre appetite.

Ella foi immediatamente buscar um bocado de toucinho de phoca, cozeu-o e apresentou-o em um prato aos hospedes. Mas, não obstante a fome que traziam, comeram mui pouco.

O ancião contou-lhe que seu filho, o unico amparo da familia, desapparecera havia um mez; pediu-lhes para ficarem todos em seu lugar e adoptou-os. Assim passaram juntos muitos invernos.

Um dia, o velho perguntou ao primogenito dos irmãos:

— Qual foi o genio protector que escolheram quando nasceste?

Sitdliarnat respondeu que fôra a gaivota. Os irmãos, interrogados sobre o mesmo assumpto, deram igual resposta; mas o companheiro disse que seus pais haviam preferido a raposa.

— Nesse caso, replicou o ancião, não tornarás a ver o teu paiz; mas os tres irmãos poderão voltar ao seu domicilio. Quando o tempo acalmar, conduzil-os-hei.

— Como poderá elle levar-nos á nossa terra, pensaram os tres irmãos, estando o gelo fundido, e não tendo kajak ou outros quaesquer meios de transporte?

Uma manhã o velho acordou-os.

— São horas de levantar-vos, disse elle. Se, realmente, tendes desejo de voltar á vossa terra, dirijamo-nos á praia; ajudar-vos-hei a atravessar o mar.

Quando chegou á praia, deitou-se na agua, mergulhou, e reapareceu sob a forma de um urso.

— Agora, disse elle a Sitdliarnat, se é verdade teres por genio protector a gaivota, segue-me.

Sitdliarnat hesitava; mas o urso fazendo-lhe ver que não havia outro meio para alcançar o que desejava, decidio-se a entrar na agua; logo que os pés tocaram na superficie, escorregaram como se fora sobre gelo; a gaivota estava ao pé d'elle. Ao mesmo tempo avistou um enorme pedaço de gelo para o qual subio. Os seus dois irmãos fizeram outro tanto; mas o estranho, procurando imital-os, caio no fundo do mar, e foi preciso que o urso mergulhasse para salvá-lo.

— Tu não tornarás a ver a tua patria, lhe disse elle, porque tens a raposa por protector; volta para nossa casa.

Depois accrescentou dirigindo-se aos tres irmãos:

— Fechai bem os olhos, porque se os abris, não podereis chegar ao fim da viagem; eu farei andar o pedaço de gelo.

Effectivamente, perceberam que o gelo mudava de lugar, e, passado algum tempo, sentiram um choque. Então, o urso disse-lhes que podiam abrir os olhos; viram que estavam perto de terra e reconheceram as suas antigas casas. Pediram ao urso que os acompanhasse para lhe darem provas do seu reconhecimento.

— Não peço recompensa, disse elle; queria unicamente fazer-vos um serviço. Mas se virdes um

urso calvo durante o inverno, não consenti que vossos companheiros lhe atirem frechas.

Prometeram fazer-lhe o que elle desejava.

Um dia que estavam com os seus visinhos, vieram annunciar-lhes que na praia estava um urso. Todos lançaram logo mão das armas; mas os irmãos exclamaram:

— Espere um momento.

Sairam logo de casa, dirigindo-se á praia, e reconheceram o urso.

— Não lhe faças mal, disseram elles aos outros; se não fosse este animal já não existiríamos. Vamos dar-lhe de comer.

Seguiram o urso até casa. Ali o animal assentou-se á porta, olhando para o interior da casa.

Trouxeram-lhe phocas inteiras e pediram-lhe que comesse. Elle não se fez rogar. Quando encheu a barriga, adormeceu, e as crianças começaram a brincar em torno d'elle. Acordando, comeu novamente e dirigio-se para o mar; todos o seguiram com os olhos até que o perderam de vista. Depois nunca mais ouviram fallar d'elle.

GUILHERME TELL E SCHILLER

¿ No decimo quarto seculo, em Uri, cantão da Suissa, um governador austriaco chamado Gessler mandou collocar o seu chapéu sobre uma percha, no centro da praça d'Altorf, e ordenou ao mesmo tempo, que todos os viandantes o saudassem, sob pena de prisão? ¿ Este mesmo personagem obrigou depois um aldeão, por nome Guilherme Tell, que não quizera obedecer ás ordens, a trespassar com um tiro da sua besta uma maçã posta em cima da cabeça de seu filho; acto abominavel que, enchendo o coração deste ultimo de um sentimento legítimo de vingança, o levaria a matar o despota com uma frechada, e a dar com este homicidio o signal da liberdade do paiz? Taes são as perguntas que tem attrahido sobre si o exame de um grande numero de historiadores e de criticos celebres.

João de Muller pensa que este chapéu collocado sobre uma percha não era do governador, mas o chapéu ducal d'Austria, posto ali para reunir todos os que eram afeiçoados aos interesses desta casa. Reconheciam-se pela homenagem que lhe rendiam. A morte de Gessler pela mão de Tell não é certa. Quanto ao facto da maçã, é ainda menos provavel. O silencio dos contemporaneos, a analogia de um acontecimento semelhante contado por historiadores dinamarquezes do seculo doze, fazem nascer duvidas sobre esta historia. Voltaire, Rahn, Iselin e outros consideravam-n'a como fabulosa. Não obstante, Zurlauben, Balthazar de Lucerna e Haller de Berne colligiram as provas historicas que estabelecem a verdade do facto.

Para nós, em primeiro lugar, não é ponto muito duvidoso que o archeiro chamado Tell prestasse relevantissimos serviços ao seu paiz no tempo da liberdade: o grande numero de capellas con-

sagradas á sua memoria desde o seculo quatorze, tanto sobre a planta-forma situada perto de Fluellem como no caminho escavado que conduz a Kusnacht parece attestal-o. Depois, acreditamos que o orgulho insensato de um despota subalterno pôde muito bem haver-lhe inspirado a ideia de obrigar a curvar-se, diante da sua gorra, uma população de pobres montanhesees, e, enfim, que a perversidade do coração humano é desgraçadamente, tão fecunda em invencões crueis, que pôde tambem, a dois seculos de distancia, e em duas regiões differentes, ter forçado um pae de familia a jogar a vida de seu filho ao tiro do arco e da besta.

O poeta Schiller foi deste parecer. Aceitou todos os factos da vida de Guilherme Tell, e servio-se desta rustica figura para compor com ella o poema dramatico da resistencia ao despotismo do estrangeiro; obra magnifica, uma das mais correctas que saíram da sua penna, e na qual o grande saber do historiador se combina admiravelmente com a habilidade do dramaturgo.

Não entraremos nos promenores desta tragedia; diremos unicamente que os auctores primitivos da conjuração da resistencia foram tres bravos cidadãos d'Uri, Unterrald e Schwitz, que prestaram o famoso juramento do Grutli, e que se chamavam Arnold de Melchtal, Werner Stauffacher e Walter Furst. Guilherme Tell não foi mais que o heroe accidental da redempção; mas o seu feito lançou, para assim dizer, fogo á polvora, e deu começo á ruina do peder austriaco. Schiller não o esqueceu, e é esta individualidade notavel que elle quiz fazer sobresair em toda a extensão do seu poema. Já, no seu marquez de Rosa, elle tinha exprimido, os ardores philantropicos de um homem de elevada classe, os ardis de um theorico da liberdade procurando converter o proprio sceptro em instrumento de regeneração. Com o personagem Guilherme Tell da vida aos sentimentos generosos do homem do povo; pinta o cidadão das classes inferiores, pouco instruido, mas energico, que sente mais do que concebe, e que pratica mais do que medita. A má fé, ao orgulho brutal e á crueldade, oppõe o instincto de um coração franco e honrado que não reivindica os seus direitos naturaes pela acção senão quando se sente ferido nos seus mais caros interesses, ameaçada a sua vida e a dos seus. Ha ainda muito ideal n'este typo de aldeão suizo; comtudo, o poeta, modelando-o, approximou-se da natureza; e, em geral, apresenta-se com tal simplicidade de linguagem e uma tão grande força de sentimento, que, de todas as concepções do mesmo genero, é esta, certamente, a que offerece mais vida e realidade.

Guilherme Tell, logo á sua primeira apparição, manifesta tudo que existe n'elle de bondade e bravura. Trata-se de salvar um pobre homem perseguido pelos satellites do governador: é preciso, o mais depressa possivel, fazel-o atravessar o lago, apesar da tempestade. Muitos recuam; mas Tell avança e diz: «O homem generoso não pensa em si; liae-vos em Deus e salvae o opprimido.»

Não ousando pessoa alguma arriscar-se, elle mette-se em uma barca e conduz por sobre as ondas o desgraçado fugitivo. Esta acção corajosa commove os assistentes, e o dedo popular designa-o logo, ainda que vagamente, como um dos libertadores do paiz. Outra scena representa-o em conversação com um dos cidadãos mais consideraveis do cantão de Schwitz, Werner Stauffacher. Este falla-lhe do despotismo de Gessler, da necessidade de pôr um termo a semelhante estado de cousas, e procura fazer entrar o honrado aldeão na trama que elle e muitos dos seus amigos teem urdido contra o odioso official. Mas Tell é um homem simples que tem peso de mulher e filhos, e que, sendo o seu unico amparo, não pôde aventurar-se a inuteis tentativas. Apertado, comtudo, pelas palavras de Stauffacher, que lhe pergunta se a patria poderia contar com elle no caso que se tornasse necessario recorrer ás armas, elle responde: «Tell, que vai ao fundo de um abysmo para socorrer um cordeiro, abandonaria os seus amigos!... Seja qual fór a empresa que tenhaes formado, não me convideis para assistir aos vossos conselhos, porque não sei nem meditar, nem estar muito tempo indeciso; mas se tendes precisão de mim para uma acção resolvida, chamae Tell que vos não faltará.» É fallar bem segundo a sua natureza e condição; e a intelligencia dos conductores do movimento de resistencia comprehendendo esta alma nobre e franca, deixa-lhe a liberdade da acção, certa da sua vigorosa cooperação no momento decisivo.

Em quanto a trama da liberdade se urde secretamente, esperando o dia da explosão, dia que os excessos de Gessler devem trazer, Tell occupa-se dos seus negocios e cuida de sua familia. Durante os poucos instantes que lhes consagra dentro da sua choupana, o seu trabalho de marcenaria e as respostas alternativas que dá á mulher e aos filhos formam um quadro de interior rustico dos mais encantadores. É um pae que ama seus filhos, mas que não vae, com a sua ternura, contaminar-lhe a alma e enfraquecer-lhe o genio; é um marido que adora sua mulher, mas não a ponto de, por este amor, perder o sentimento dos soffrimentos dos seus semelhantes, e de esquecer as misérias da patria. Quando sua esposa, inquieta por esta bondade d'alma que a faz affrontar com tantos perigos, exclama: «O meu Deus! todos os meus fogem á paz do lar!» Tell responde: «A natureza não me criou para não passar de pastor. Verdadeiramente não goso da vida senão quando todos os dias tenho de lutar com os perigos.» E, apesar das instancias de Hedwige, tendo necessidade de ir a Altorf, residencia do governador, decide-se a partir levando consigo um de seus filhos.

(Continua)

O melhor meio de prender uma mulher é deixal-a livre.

MME. DE GRANDFORR.